

ÍNDICE

<i>ESTUDEMOS O EVANGELHO</i>	13
<i>INTRODUÇÃO</i>	15
1 — NA PREGAÇÃO	21
2 — NO ESFORÇO EVOLUTIVO	26
3 — RENOVAÇÃO	30
4 — O FILHO DO HOMEM	34
5 — O CRISTÃO E O MUNDO	39
6 — A MULHER E O LAR (I)	43
7 — A MULHER E O LAR (II)	46
8 — A PRIMEIRA ESCOLA	49
9 — REENCARNAÇÃO E ESPIRITISMO	53
10 — CONTENTAR-SE	58
11 — REENCARNAÇÃO E EVANGELHO	62
12 — CONVIVÊNCIA	66
13 — REENCARNAÇÃO E FAMÍLIA	69
14 — ADVERTÊNCIA	73
15 — REENCARNAÇÃO E REAJUSTE	77
16 — RIQUEZA	81
17 — REENCARNAÇÃO E RESGATE	85
18 — POBREZA	89
19 — REENCARNAÇÃO E CULTURA	95

20	— PERDÃO	100
21	— REENCARNAÇÃO E PROGRESSO	104
22	— VIGILÂNCIA	108
23	— JESUS E DEUS (I)	112
24	— JESUS E DEUS (II)	116
25	— JESUS E DEUS (III)	120
26	— RECONCILIAÇÃO	124
27	— O CRISTO VITORIOSO	128
28	— ANTE O FUTURO	133
29	— MOCIDADE E EVOLUÇÃO	136
30	— LIVRE-ARBITRIO	140
31	— MOCIDADE E EVANGELHO	143
32	— A ESCOLHA É LIVRE	147
33	— MOCIDADE E TRABALHO	150
34	— RAZÃO E FÉ	154
35	— MOCIDADE E AMBIENTE	159
36	— ECLIPSE, NÃO	162
37	— MOCIDADE E RENÚNCIA	167
38	— A FORÇA DO EXEMPLO	170
39	— GUARDAR	173
40	— CRISTO E LÁZARO (I)	176
41	— CRISTO E LÁZARO (II)	179
42	— CRISTO E LÁZARO (III)	183
43	— CRISTO E LÁZARO (IV)	186
44	— DISCERNIMENTO	189
45	— ESTUDO E TRABALHO	192
46	— LIBERTAÇÃO	196
47	— LIBERDADE CRISTÃ (I)	199
48	— LIBERDADE CRISTÃ (II)	203
49	— LIBERDADE CRISTÃ (III)	207
50	— INFERNO	211
51	— OVELHA PERDIDA	215
52	— CÉU	218
53	— TESOURO OCULTO	222
54	— INOVAÇÕES	225
55	— JESUS EM BETÂNIA (I)	230
56	— JESUS EM BETÂNIA (II)	234
57	— JESUS EM BETÂNIA (III)	238
58	— A GRANDE ESPERANÇA	241
	CONCLUSÃO	244

1

NA PREGAÇÃO

Onde anunciavam o Evangelho.

Nos instantes de vida interior, permitidos pelas lutas que se renovam dia a dia, volve o homem o olhar para o futuro, cheio de esperança, na certeza de que a Terra conhecerá dias melhores, quando vier a se inundar das sublimes vibrações da Fraternidade Legítima.

O homem crê nesse futuro.

Nessa era de compreensão e paz entre as criaturas.

Por isso, luta e sofre, confia e espera...

Luta e sofre, confia e espera o advento de uma fase áurea, rica de espiritualidade, com inteira ausência dos sentimentos inferiores que emolduram, indiscutivelmente, a fisionomia do mundo atual.

Ausência do ódio — que provoca a guerra.

Ausência do orgulho — que favorece a prepotência.

Ausência do ciúme — que acende o fogo do desespero.

Ausência da inveja — que estimula a discórdia.

Ausência da ambição — que abre caminho à loucura.

Esse mundo melhor não pertencerá, exclusivamente, aos nossos filhos e netos, como asseguram os que crêem, apenas, na unicidade das existências.

Pertencerá a nós mesmos, às nossas individualidades espirituais, empenhadas, hoje, na construção desse mundo feliz.

Desse mundo onde o mal não terá acesso, onde não haverá lugar para a sombra, porque o bem e a luz lhe serão magnífica constante.

Pela reencarnação estaremos amanhã, de novo, no cenário terrestre, aqui ou em qualquer parte, utilizando outros corpos, prosseguindo, destarte, experiências evolutivas iniciadas em remotos milênios.

Amanhã, na ceifa, colheremos o fruto do nosso plantio de hoje.

Assim como participáramos, ontem, de redentoras lutas, que se ocultaram, momentaneamente esquecidas, na poeira dos milênios, na atualidade estamos, igualmente, contribuindo para a edificação do porvir.

As conquistas de ordem material prosseguem, deslumbrantes, em ritmo acelerado.

Temos a certeza de que, pelo esforço da Ciência e pela sublimidade da Arte, desfrutaremos, mais tarde, o bem-estar e o conforto, com absoluta exclusão do egoísmo.

No entanto, na atualidade, uma série de indagações invadem o nosso Espírito.

De que valem imponentes cidades e pontes maravilhosas, interligando continentes; naves assombrosas, cruzando o espaço, em todas as direções, e soberbos empreendimentos de Medicina, se, apesar de todo esse arrojo e toda essa audácia do pensamento humano, continuamos, em maioria, deficientes de espiritualidade?

Permanecemos, em verdade, mendigos de amor.

Indigentes de bondade.

Maltrapilhos de compreensão.

Estátuas vivas do egoísmo.

*

Com Nosso Senhor Jesus-Cristo teve início, na Terra, a preparação espiritual da Humanidade para os jubilosos dias do futuro.

Depois dele, como legatários de valioso patrimônio, espalharam-se os discípulos por toda parte, visitando cidades e aldeias.

Plenos de alegria, “anunciavam o Evangelho”...

Eram eles, já àquele tempo, os precursores, os pioneiros da civilização do Terceiro Milênio, eis que o Evangelho é, insofismavelmente, a base, o alicerce, o fundamento, a pedra angular dessa “Civilização-Luz”, dessa “Civilização-Amor” que o mundo conhecerá.

Não bastou, todavia, pregassem a Boa Nova da imortalidade durante o Cristianismo nascente.

Nem que derramassem o sangue generoso nos circos romanos, os corpos dilacerados por leões africanos, em holocausto ao sublime ideal do Cristianismo.

Ideal sublime, contagiante, irresistível, envolvente...

Com o tempo, cessaram os martírios físicos, as sevícias, o ultraje.

Os circos converteram-se em pó, os tiranos foram esquecidos.

O serviço de expansão evangélica prossegue, contudo.

E prosseguirá, séculos em fora, edificando as bases do mundo diferente, os alicerces do mundo melhor que desejamos, pelo qual lutamos, no qual cremos, mas que não está muito próximo, como alguns supõem.

Sem o conhecimento, e, principalmente, sem a assimilação evangélica, tão cedo conhecerá o mundo dias melhores.

A engenharia continuará levantando os mais belos monumentos.

Multiplicar-se-ão as maravilhas do mundo.

Sublimar-se-ão as manifestações do pensamento e da cultura acadêmica.

Mas, se o espírito do Cristianismo não for, realmente, sentido e aplicado, o mundo de amanhã — o decantado mundo do Terceiro Milênio — assemelhar-se-á a imensa necrópole, com soberbos e glaciais sarcófagos.

Insensíveis, sem calor, sem vida . . .

Sepultura triste — guardando as cinzas da presunção e da vaidade.

Urge, pois, seja o Evangelho intensamente anunciado, a fim de que o seu divino perfume aromatize as florestas, os campos, os mares profundos, os céus longínquos.

Não preconizamos, obviamente, o simples anúncio, oral ou escrito.

O anúncio da tribuna, do jornal, do livro, apenas.

Referimo-nos, sobretudo, ao anúncio vivido, exemplificado, capaz de contagiar, de converter, de transformar quantos lhe sintam a influência dinâmica, renovadora.

Na passagem em estudo, ultrajados e incompreendidos, os pegureiros do Cristianismo fugiam para outras cidades, "onde anunciavam o Evangelho" com o mesmo denodo, o mesmo entusiasmo, o mesmo idealismo, a mesma perseverança.

Invincíveis, deixavam em suas pegadas luminosos rastilhos.

A civilização do Terceiro Milênio ficará retardada se cruzarmos os braços, se não espiritualizarmos as aquisições humanas.

Será um agradável sonho, se não aliarmos a todas as conquistas da Ciência o mais belo aspecto da vida, que é o espiritual.

O mais notável monumento pode converter-se, num instante, em escombros e cinza.

Mas o coração que, pela força do Evangelho, se ergue para o Amor — é luz dentro da Eternidade, que nunca mais se apagará...